



Tradução : Carolina Gonzalez

Direção : Cyril Desclés

Com Carolina Gonzalez, Giovanni Tozi, Janaína Suaudeau, Jefferson Mathias, Marcelo Lazzaratto, Sandra Corveloni, Sérgio Pardal, Thiago Freitas

2 indicações no Prêmio Shell de Teatro de São Paulo

Cenário : Carlos Calvo – Iluminação : Guilherme Bonfanti

Intercâmbio Brasil – França



Apoio



Consulat Général de France
à São Paulo

**INSTITUT
FRANÇAIS**



Realização



Sinopse	p. 3
Por que <i>Cais Oeste</i>, por que no Brasil ?	p. 4
Ficha Técnica	p. 5
Trecho inicial da peça	p. 6
Direção e cenografia	p. 8
Fotos	p. 11
Bernard-Marie Koltès	p. 12
Diretor	p. 15
Tradutora	p. 16
Assistente de direção artística	p. 17
Elenco	p. 18
Cenografia e iluminação	p. 21
Emprensa	p. 22
Contato	p. 23

CAIS OESTE



Crédito : Luísa Bonin

Qual é o preço que você pagou para viver em paz neste país ?
Bernard-Marie Koltès, *Cais Oeste*

***Cais Oeste* conta o encontro improvável de oito seres humanos em torno de um galpão nas margens de um rio de uma grande cidade portuária.**

Em uma noite mais escura que uma noite qualquer, um homem que perdeu tudo encontra-se, no seu carro de luxo, um Jaguar, com sua assistente na frente de um galpão abandonado para aí encontrar a morte e dar tudo o que ele tem, seu Rolex, suas abotoaduras de ouro, sua aliança e seu carro Jaguar em troca de pedras para afundar no rio ; mas a sua presença cria desejos e invejas nos imigrantes sem documentos que vivem nesse no man's land – símbolo do espaço que existe entre a vida e a morte.

Quando se encontram, os que têm dinheiro e aqueles que não têm, esses dois mundos estão fadados a se destruírem. O cheiro do dinheiro atrai aqueles que não têm e as relações humanas se reduzem a um « deal » e todos os meios são bons para se ter o que não se possui. Tocante e misterioso como um bom romance policial americano, *Cais Oeste* apresenta uma visão extremamente concreta do mundo no qual vivemos. Koltès não defende nenhuma tese mas coloca a questão: aqueles que vivem sem domicílio, sem documento, sem trabalho, não estariam apenas sobrevivendo ? Existe uma vida antes da morte ?

Por que *Cais Oeste*, por que no Brasil ?

Cais Oeste (*Quai ouest*) é provavelmente a peça mais ambiciosa e a mais complexa de Koltès. Na criação da peça por Patrice Chéreau, em 1986, o diretor muitas vezes reconheceu o fracasso de sua direção devido ao gigantismo do cenário, seu caráter excessivo que acabou sufocando o texto, como ele mesmo dizia « deveríamos ter tomado cuidado com a construção dramática complicada da peça. ». Outras direções caíram no mesmo erro.

Verdade, Koltès queria uma coexistência muito egalitária, muito democrática dos oito personagens da sua peça : « Existem tantas histórias como personagens : oito histórias pelo menos, e se depois escolhemos um ponto de vista ou um outro, oito vezes oito », explicava o autor. Tem primeiro Koch, espécie de Bernard Madoff (ou Eike Batista no Brasil) antes da hora, que desviou uma grande soma de dinheiro e que pensa em se suicidar perto de um galpão em desuso em um bairro abandonado. Monique que tenta impedi-lo e quer voltar para a cidade ; de outro lado, existe uma família que vive lá : Carlos, um jovem, que deseja se mudar para o outro lado do rio para encontrar um « trabalho honesto ». Clara, sua irmã, que tenta impedi-lo de partir ; Cecília, sua mãe, que quer obter um visto de permanência ; Fak que deseja Clara; Rodolfo, o pai, que no início aparece somente como uma presença antes de « passar ao ato » inexplicavelmente e enfim, Abad, o negro que não fala, mas que agirá no final. A peça mostra as obsessões « destes personagens impedidos de viver e que se debatem contra os muros ».

A ideia de montar *Cais Oeste* no Brasil vem de uma declaração de Koltès em relação a um filme de Carlos Diegues, « *Rio Zone, (Um trem para as Estrelas)* é um *Cais Oeste* que deu certo. Fiquei muito emocionado », dizia ele um ano após o fracasso de sua peça. Mesmo que este filme tenha pouca relação com *Quai ouest*, Koltès escreveu esta peça com um grande afeto pelos seus personagens que têm, cada um, aspirações e desejos muito fortes.

A peça conta a história improvável de « personagens que não tinham nenhum motivo de se encontrarem, em nenhum lugar e nunca » e foi uma experiência que vivi, em várias ocasiões no Brasil. A situação da zona portuária do Rio de Janeiro, ou de Cracolândia em São Paulo lembra aquela descrita por Koltès em 1983 : « no meio duma cidade organizada, um território parecido a uma predaria selvagem. »



Mas principalmente, a fricção das diferenças sociais como coloca Koltès em *Cais Oeste* me fez pensar que existe um sentido em montar a peça no Brasil onde a sociedade é profundamente miscigenada e existem tensões sociais, diferenças enormes de nível de vida e cristalização do medo que influencia as relações entre as pessoas : são por estas razões que esta peça tem uma ressonância especial neste país.

Cyril Desclés, maio de 2015



Crédito : Halei Rembrandt

Texto – **Bernard-Marie Koltès**
Tradução – **Carolina Gonzalez**
Direção artística – **Cyril Desclés**
Assistente de direção – **Bruno Stierli**
Cenário – **Carlos Calvo**
Iluminação – **Guilherme Bonfanti**
Trilha sonora – **Aline Meyer**
Figurinos – **Victoria Moliterno**

Atores

Carolina Gonzalez
Giovani Tozi
Janaina Suaudeau
Jefferson Matias
Marcelo Lazaratto
Sandra Corveloni
Sérgio Pardal
Thiago Freitas

Tradução de Carolina Gonzalez

Frente a um muro de trevas.

Barulho de um motor de carro, parado, não muito longe.

Entra Monique.

MONIQUE – E agora: Onde? Para onde? Como? Deus do céu! Por aqui? É um muro, não podemos mais avançar; não é nem mesmo um muro, não, não é nada; talvez seja uma rua, talvez uma casa, talvez mesmo um rio ou então um terreno baldio, um buraco horrível. Eu não vejo mais nada, estou cansada, não aguento mais, com calor, com dor nos pés, não sei para onde ir, Senhor!

E se bruscamente alguém, alguma coisa aparecesse, saindo desse buraco negro, como eu deveria me comportar? Com o que eu pareceria se um cara, vários caras, vários caras de repente surgissem em volta de mim? Eu gostaria de parecer natural, mas a esta hora, aqui, com esta roupa! Eu pareceria uma idiota. Estou ouvindo um barulho, estou ouvindo cachorros, vários cachorros selvagens em volta de nós que rastejam nos escombros. Eu deveria ter tentando vir até aqui com o carro; talvez com a luz do farol desse para ver, pelo menos, o que está rastejando.

Nós estamos diante de um muro, Maurício nós não podemos mais avançar. Diz para mim o que nós devemos fazer, agora, diz para mim então em qual buraco você prefere que a gente caia.

Entra Koch.

KOCH – Eu sei exatamente onde estou.

MONIQUE – Exatamente, olha, você é demais, exatamente, parabéns. Vire-se sozinho porque você sabe de tudo exatamente. E além disso, eu não sou sua mãe, não sou sua mulher, não sou sua babá; não tenho vontade de arriscar nossas vidas por causa das suas loucuras.

KOCH – Não se arrisque, Monique; volte.

MONIQUE – Voltar? Como você quer que eu volte? Eu estou com a chave do carro.

KOCH – Eu volto sozinho.

MONIQUE – Você? Sozinho? Como sozinho? Deus do céu! Você nem sabe dirigir, você não reconhece a sua esquerda da sua direita, você teria sido incapaz de encontrar este lugar sozinho, você não sabe fazer nada sozinho. Eu me pergunto como você poderia voltar.

KOCH – Eu chamarei um táxi.

MONIQUE – Olha! Um táxi, muito bem. Procure um telefone, aqui, procure; espere um carro passar, espere. Deus do céu! Nós estamos perdidos nesse buraco quente e você fala em táxi.

KOCH – Tem uma balsa que sai duas vezes por dia em direção ao novo porto. Eu me lembro muito bem do lugar onde se pega; ela sai às seis horas; eu a pegarei.

MONIQUE – E eu? O que eu faço? Eu não posso deixar você sozinho aqui e não posso partir porque sou eu quem sabe dirigir; com a responsabilidade de ter te trazido aqui, e você que não sabe fazer nada sozinho, e a sua balsa ridícula que talvez nem exista mais, realmente, pareço uma idiota. Eles poderiam pelo menos ter ascendido os postes da rua, reconheceríamos talvez alguma coisa. Tem alguma coisa no chão que é escorregadio, e eu não sei o que é. Na minha família, veja bem, eu tinha a reputação de ver claro à noite, ao ponto deles terem

desistido de me trancar no porão para me deixar com medo. Mas, preto assim, isso, não, eu nunca tinha visto. Eu nunca deveria ter deixado a chave em cima do carro, só faltava alguém nos roubar, Deus do céu! Voltar à pé, levaria horas, passando por estes lugares sem luz e sem placa de indicação. Além disso, eu estou sentindo que alguém está nos olhando, Maurício eu tenho certeza. (*Tempo. Barulho do motor do carro, muito longe*).

Antes, tinham postes na rua, aqui; era um bairro classe média, comum, animado, eu me lembro muito bem. Tinha parques com árvores; tinham carros; tinham bares e lojas, tinham velhos que atravessavam a rua, crianças no carrinho de bebê; os antigos galpões do porto serviam de estacionamento e alguns, de mercado. Era um bairro de artesões e aposentados, um lugar comum, inocente. Há pouco tempo atrás.

Mas, hoje, Senhor! Qualquer um, o mais inocente, que se perdesse aqui mesmo em pleno dia poderia ser massacrado em pleno sol e seu cadáver jogado no rio sem que ninguém pense em o procurar aqui.

Tudo isso, é por causa da baixa dos aluguéis. Devia-se encorajar os proprietários a aumentar os aluguéis, deveria-se força-los a aumentar, mesmo se eles não quisessem. As baratas, os ratos e as baratas invadiram aqui como soldados vencedores; os proprietários deixaram os muros caírem, os vidros quebrados não foram trocados, os velhos morreram; então, os comerciantes acabaram desertando esses bairros e hoje todos esses imóveis, quilômetros de ruas repletas de imóveis não rendem mais um tostão, um centavo para ninguém, nada de nada, nada, é horrível. Só Deus sabe o que vive aqui, agora, só Deus sabe o que está nos olhando. (*Tempo. Silêncio.*)

Vem, Maurício; como você não abre a boca, eu não tenho a intenção de falar sozinha a noite toda; o carro está ligado, vem. (*Silêncio. Koch se distancia em direção da escuridão.*) Não vai por aí, Maurício o chão está escorregadio e você está com os seus sapatos sociais. (*Grande silêncio.*) Maurício, Maurício, não é o mundo dos vivos, aqui. (*Silêncio. Koch desapareceu na escuridão.*) Onde você está? Eu não vejo mais nada. Eu não ouço mais nada. O motor! Não estou ouvindo mais o carro.

Não me deixe sozinha, não me deixe sozinha. (*Escuta-se o choque da água contra as pedras.*) Maurício!

Um súbito buraco nas nuvens ilumina rapidamente a imensa fachada do galpão e a estrada deserta sobre a qual cai uma chuva de folhas silenciosas; depois a escuridão de novo e sobra o barulho dos pingos de água nos muros.

MONIQUE – Meu Deus !

Algumas palavras sobre a Direção e o Espaço Cenográfico

Cais Oeste possui uma estrutura dramática complexa que depende de uma coexistência egalitária dos oito personagens que não têm motivo de se encontrarem e no entanto se acham face a face. São cenas de troca, de tráfico e de comércio nas quais cada um tenta obter algo do outro que se recusa a entregar. Assim, a peça apresenta uma situação feita de impedimentos, de perguntas sem respostas e de tensões bloqueadas, antes de uma aceleração final na qual a ação precipita-se tragicamente.

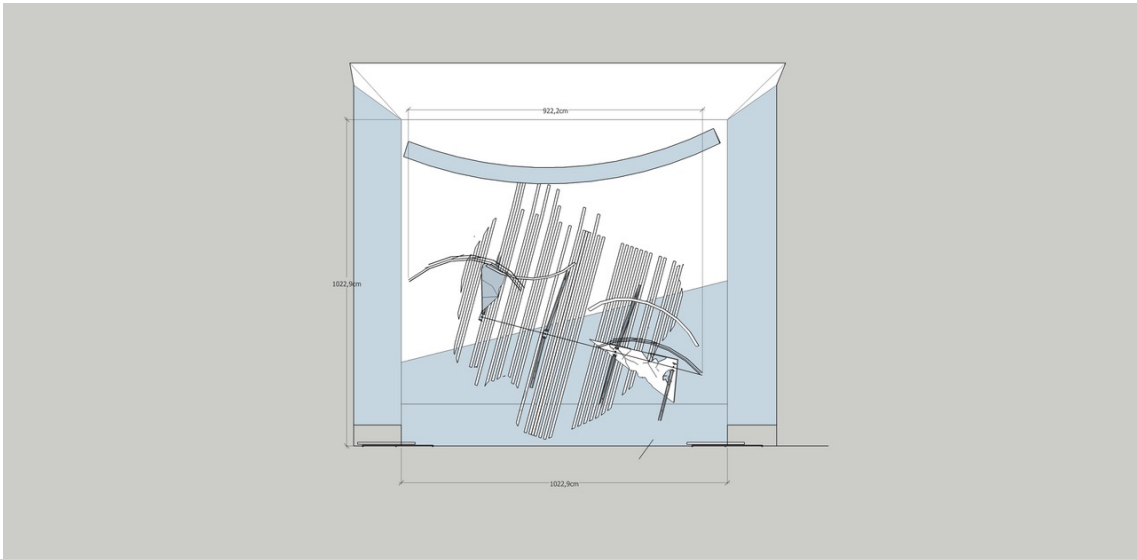


Crédito : Luisa Bonin

A concepção do espaço cênico pode ser uma armadilha em *Cais Oeste* : Koltès pede para mostrar o galpão do exterior, do interior, de perto, de longe... Muitas produções dessa peça falharam tentando privilegiar a representação dos detalhes do galpão no espaço. No lugar de representar o galpão, nossa escolha foi de sugeri-lo, apresentado-o de uma maneira fragmentada, com o auxílio essencial da luz, que penetra através das frestas, que infiltra-se através dos buracos do teto, recortando zonas iluminadas e deixando outras na escuridão, desenhando assim um jogo de sombras e de luzes.



Esboço : Carlos Ca



Esboço : Carlos Calvo

Estrutura do cenário





Crédito : Luisa Bonin



Crédito : Halei Rembrandt



Crédito : Halei Rembrandt



Crédito : Luisa Bonin



Crédito : Luisa Bonin



Crédito : Halei Rembrandt

Bernard-Marie Koltès



Bernard-Marie Koltès, que nasceu em 1948, é, com certeza, o dramaturgo francês mais importante desde a geração dos anos cinquenta. Começou escrevendo e dirigindo as suas primeiras peças em Strasbourg, em 1970. Mas ele esperou o sucesso até 1983 quando o grande diretor francês Patrice Chéreau decidiu encenar *Combat de nègre et de chiens*, e as outras peças dele : *Quai ouest* (1986), *Dans la solitude des champs de coton* (1987), *Le Retour au désert* (1988) A última peça, *Roberto Zucco* foi criada depois da morte do dramaturgo em 1989 e provocou um escândalo na França. As peças do Koltès foram traduzidas em 55 idiomas pelo menos e montadas no mundo inteiro. No Brasil, já feitas *Na Solidão dos campos de algodão*, *Roberto Zucco* e *O Retorno ao deserto*. No ano 2019 serão comemorados 30 anos desde a morte do dramaturgo.

Cyril Desclés

Diretor de teatro, iluminador,
Diretor artístico da Companhia francesa
l'Embarcadère



Com formação em literatura, dramaturgia e com doutorado sobre *A Linguagem dramática de Bernard-Marie Koltès* sob a direção de Denis Guénoun pela Universidade Sorbonne, Cyril Desclés colaborou com vários diretores franceses tanto como assistente como conselheiro dramático, Caherine Marnas, Clyde Chabot, Moni Grégo, Pascale Nandillon, Yan Allégret.

Em 2002 criou a Companhia teatral l'Embarcadère na qual assumiu a direção dos espetáculos :

- *Pan et la Syrinx ou l'invention de la flûte à sept tuyaux*, de Jules Laforgue, Théâtre-Théâtre, Paris, dezembro de 2002.
- *Je suis le personnage* [collage], espetáculo representado no Studio-Théâtre de la Comédie-Française, março de 2003.
- *Contes en éventail*, contos japoneses em música, Guinguette Pirate, agosto-outubro 2004.
- *Un Rêve d'Alice*, adaptação da obra de Lewis Carroll, Briançon, Théâtre du Cadran (Briançon), dezembro de 2007.
- *Dire Beckett I et II (Premier amour, Berceuse, Pas moi)*, Paris, Aire Falguière, março e abril 2007.
- *Hérodiade* de Stéphane Mallarmé, Auditorium du Petit-Palais, outubro de 2008.
- *La Nuit juste avant les forêts*, de Bernard-Marie Koltès, Anis Gras, le lieu de l'autre (Arcueil), setembro de 2012 e Biennale Koltès (Metz) 2012.
- *Allégresse vengeresse [Alegria vingativa]*, Vieira Lima, (Brasil), em Anis Gras e Galerie Sobering, Paris, setembro de 2014.
- *A Paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector, tr. francesa : Claire Varin, Espace Des Femmes, Paris, dezembro de 2015
- *Jaz*, de Koffi Kwahule, tradução em português : Mariana Camargo e Sofia Boito, Leitura performativa em português, Cité Internationale des Arts (Paris), maio de 2018.
- *Luna-Park Lénine*, de Ksenia Dragunskaja, Maison des Auteurs/SACD, Paris, maio de 2018

Recentemente, um livro seu foi publicado *L'Affaire Koltès, retour sur les enjeux d'une controverse*, com prefácio de Michel Corvin, na Editions de l'Œil d'or. Ele é autor também de diversos artigos sobre a dramaturgia de Koltès.

Fez igualmente o projeto de iluminação de mais de 40 espetáculos.

No Brasil, ele ministrou a oficina *Percurso Koltès* no SESC Santos e teve uma residência no Teatro da Vertigem em 2016.

Carolina Gonzalez

Tradutora e atriz

Mestre em teatro pela Universidade Sorbonne Nouvelle - Paris 3, Carolina Gonzalez conta com mais de quinze anos de experiência como atriz de teatro profissional, atividade desenvolvida tanto no Brasil como na França. Integra com apenas quinze anos a Companhia Macunaíma de Antunes Filho participando das peças *Paraíso Zona Norte* de Nelson Rodrigues et *Trono de Sangue*



(Macbeth) de Shakespeare. Em seguida tem a oportunidade de trabalhar com importantes artistas como José Celso Martinez Corrêa, Fauzi Arap, Marcelo Marcus Fonseca, Renato Borghi, Cibele Forjaz entre outros. Ensina paralelamente interpretação para atores profissionais e amadores em Oficinas e Casas de Cultura do Estado e da Cidade de São Paulo assim que em algumas unidades do SESC SP. Na França (de 2003 à 2010) cursou a faculdade de Artes Cênicas da Universidade Sorbonne - Paris 3, desenvolvendo no fim dos seus estudos uma tese sobre a obra teatral de Plínio Marcos a qual recebeu menção máxima do júri do Instituto Teatral de Paris 3. Atuou na França em espetáculos dos diretores Claire Le Michel, Berangère Jannelle e Jean-Paul Zennacker. Participou de vários workshops ministrados por profissionais respeitados como Arianne Mnouchkine, Michel Deutsch, Alain Platel, Giberte Tsaï, Irina Brook. Em 2008, para o primeiro espetáculo da sua companhia, Le Théâtre Vif, ela traduziu e dirigiu *A Mancha Roxa* de Plínio Marcos, espetáculo bem recebido em Paris. No Brasil, desde de fevereiro de 2010, foi professora da Escola Superior de Artes, assim que do Curso técnico Célia Helena e integrou" ainda o Núcleo de Dramaturgia do CPT de Antunes Filho. Atuou em 2011 e 2012 nos espetáculos *Jaguar Cibernético*, direção e texto de Francisco Carlos no SESC Pompéia e na França no espetáculo *La Course à Cheval très loin dans la Ville*, direção de Vincent Nadal. No mês de março de 2012, promoveu e organizou evento no SESC Consolação em torno de Jean-Pierre Sarrazac, onde ocorreram uma Conferência, lançamento do primeiro livro de Sarrazac no Brasil pela editora Cosac Naify, workshop de escrita dramática e leitura pública de texto do autor. Em 2013 e início de 2014, produziu e atuou na peça *Bola de Ouro* de Jean-Pierre Sarrazac, com direção Marco Antonio Braz no Sesc Santo Amaro e no Teatro Faap. Em 2016, produziu e atuou na peça *O Pai* do Florian Zeller, com direção Leo Stafanini no Teatro Faap. Ela traduziu também do francês para o português, *Les Censi* do Antonin Artaud, *Bola de Ouro* do Jean-Pierre Sarrazac.

Sandra Corveloni – Atriz

Com 30 anos de experiência profissional na área teatral, trabalhou como atriz em vários espetáculos infantis e adultos nos quais também participou como produtora. No Grupo TAPA foi por 10 anos atriz e diretora. Como professora trabalhou nas áreas de interpretação e montagem nas escolas Macunaíma, Celia Helena, Vento Forte, Oficinas do Grupo TAPA, Uniban, TUCA, Instituto Intercultural e Escola Wolf Maia. A partir de 2007 começou sua carreira cinematográfica com o filme *Linha de Passe* de Daniela Thomas e Walter Salles e desde então já atuou em mais de 10 longas metragens como atriz, produtora de elenco e preparadora de elenco. Protagonizou Mathilde na montagem da peça *O Retorno ao deserto* de Bernard-Marie Koltès com a direção de Catherine Marnas. Em 2010 fundou uma Cia de Teatro (Cia D’Alma), onde é responsável pela pesquisa de linguagem e direção dos espetáculos.



Marcelo Lazaratto – Ator

Doutor do Departamento de Artes Cênicas da UNICAMP e diretor artístico da Cia. Elevador de Teatro Panorâmico desde a sua fundação. Professor de Interpretação do Teatro-Escola Célia Helena. Como ator integrou a Companhia Razões Inversas, dirigida por Márcio Aurélio e sediada em São Paulo, desde 1992. Com esta encenou sete espetáculos (entre outros “*A Bilha Quebrada*”, de Kleist, “*Senhorita Else*”, de Schnitzler, “*Maligno Baal o Associal*”, de Brecht e “*A Arte de Comédia*”, de Eduardo de Filippo. E em 2015, em “*Filoctetes*”, de Heiner Müller) que, juntos, ganharam 3 prêmios APCA e indicações para os prêmios Shell e APETESP além de participar do 1º Congresso Mundial de Teatro da Unesco, realizado no Venezuela, do Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica (FITEI) no Portugal. Como diretor, entre seus trabalhos mais recentes, além das peças da Cia Elevador de Teatro Panorâmico estão: “*Esperando Godot*” de Becket, com A Boa Companhia, “*A Entrevista*”, de Samir Yazbek, com Lígia Cortez, “*Pai*”, com texto e atuação de Cristina Mutarelli e “*O Homem a Besta e a Virtude*”, de Luigi Pirandello.



Sérgio Pardal - Ator

Formado em Jornalismo e em Artes Cênicas pela PUC-PR. Foi protagonista do espetáculo « O Filho » do Teatro da Vertigem e direção de Eliana Monteiro. Com o mesmo grupo fez as peças « BR3, « Castelo » e as duas versões de « A última palavra e a penúltima ». Autor e creator do monólogo « Homem da silva ». Participou do Longa « 400 contra 1 », de Caco Souza e diversos curtas-metragens, entre eles, « Quando parei me preocupar com canalhas » dirigido por Vieira dos Santos. Foi indicado ao prêmio de melhor ator no festival brasileiro de TV e cinema de Toronto em 2013 com o curta « Maldito Gergelim », de Flávio Barone. Indicado também aos prêmios FEMSA e APCA em 2007 como melhor ator de teatro infantil e jovem com o espetáculo « O tesouro de Balacovaco » da Bendita Trupe.



Thiago Freitas – Ator

Ator, Bailarino. Formado pela Escola de Arte Dramática-EAD/ECA/USP onde trabalhou sob a direção de nomes como Claudia Schapira, Rogério Toscano, Kenia Dias, Greice Passô e Isabel Setti. Foi bailarino do espetáculo “Uma trilha para sua história” (Premio FEMSA 2013 / APCA 2013) com direção de GUSTAVO KURLAT. Atualmente é diretor, fundador e dramaturgo dos “Cantadores de Contos”, um grupo que pesquisa as linguagens da Música, do Teatro e da Narrativa para crianças, onde escreveu e dirigiu os seguintes espetáculos: “O Brinquedo de Destrinchar Palavras” e “Descobertas de um Curió”. No cinema participou de “Meio Irmão” (Eliane Coster) e dos seguintes seriados: “3%” (NETFLIX), “Contos do Edgar” (NETFLIX/FOX), “Lili, a ex”, (GNT), “Sintonia” (NETFLIX), “Onisciente” (NETFLIX), “A vida começa aos...”, (PINEAL Filmes), “A Garota da Moto” (SBT), além de diversos curtas-metragens com alunos da Academia Internacional de Cinema - AIC e da Escola de Comunicação e Artes – ECA/USP.



Janaína Suaudeau - Atriz

Nascida no Rio de Janeiro de um pai francês e mãe brasileira. Ela se forma com grandes nomes do teatro paulistano no Teatro Escola Célia Helena, Marcelo Lazzaratto, Ruy Cortez, Nelson Baskerville e Marco Antônio Rodrigues. Mudou-se para Paris em 2002 e seguiu o Cours Florent até 2004. De 2004 até 2007 formou-se no Conservatório Nacional Superior de Artes Dramáticas (CNSAD) em Paris com os professores Dominique Valadié, Andrzej Seweryn, Daniel Mesguish, Muriel Mayette. Foi dirigida por Tilly, Gildas Milin e Marcial Di Fonzo Bo. Atua em várias montagens, entre as mais importantes *La Ville* de Martin Crimp, direção Marc Paquien; *Strindbergman* a partir das obras de Strindberg e Bergman, direção Marie Dupleix (na qual foi produtora igualmente); *La Tempête* de Shakespeare, direção Georges Lavaudant;



Claire en Affaires de Martin Crimp, direção Sylvain Maurice. Últimamente, no Brasil, atuou em uma tradução sua de *Não se brinca com o amor*, de Alfred de Musset, com direção de Anne Kessler da Comédie-Française, *No Coração das Máquinas*, com direção da Rita Carelli, e encenou a sua tradução de *Término do Amor* de Pascal Rambert em 2017.

Giovani Tozi – Ator

Produtor, Artista Plástico e Mestre em Artes da Cena pela Unicamp. Integrou o Núcleo Experimental de Artes Cênicas do SESI e desenvolveu trabalhos com diversos diretores como Felipe Hirsch, Georgette Fadel e Roberto Audio. Tem formação em Nova Dança. Foi artista residente no Performing Arts Forum em Sainy Erme Outre Et Romecourt na França. Como pesquisador atua principalmente nos seguintes temas: Processo Criativo, Teatro Brasileiro, Dramaturgia, Direção e Atuação. Como produtor inicia sua trajetória em 2000, com o Grupo Corpos Sensores, do qual foi o diretor dos espetáculos: *Corpo Estranho* (Prêmio do Melhor Espectáculo Curta Dança Nacional), *Corpo Inteiro* e *Saída de Emergência*. Atuou em *A Noite de 16 de Janeiro*, de Ayn Rand, dir. Jô Soares no Teatro Tuca, *Tróilo* e *Créssida* de Shakespeare dir. Jô Soares, *As Luzes do Ocaso*, de Mauricio Guilherme e dir. Neyde Veneziano, *Pergunte ao Tempo*, de Otavio Martins, *Paulo Depois daquela Viagem*, de Dib Carneiro Neto, dir. Abigail Wimer, *O Colecionador de Crepúsculos*, dir. e texto de V. Capela, *Sacrifício*, adaptação da peça *Romeu e Julieta*, dir. Cibele Forjáz, *Arlequim e seus dois Patrões*, dir. Neyde Veneziano.



Jefferson Matias – Ator

Jefferson Matias formou-se ator em 2010 na Escola Livre de Teatro, e fundou o grupo Coletivo Negro de Teatro junto com mais 5 artistas negros com o intuito de pesquisar a trajetória histórica/social e artística do negro no Brasil, sobre tudo no estado de São Paulo. Foi convidado a integrar o Grupo Coletivo Quizumba, cuja pesquisa é refletir, realizar ações artísticas e estéticas/políticas com foco na formação do povo brasileiro através do olhar das culturas afro-brasileiras e Africanas. Em 2011 estreou pelo Coletivo Quizumba, o espetáculo “Quizumba!”. Em 2013, realizou diversas ações como: leituras, saraus e oficinas sobre autores afro-brasileiros e Africanos. Em 2014, estreou espetáculo {ENTRE} ; foi convidado para ajudar a desenvolver o doutorado de Capoeira e Aikido no trabalho de Ator. Entre 2015 e 2016 realizou uma série de apresentações do espetáculo *Quizumba!* por algumas cidades e capitais nordestinas. Atualmente pelo Coletivo Negro esta desenvolvendo pesquisa sobre a “Liberdade”, através do projeto “A Concretude Material do que Somos”; e pelo Coletivo Quizumba esta em processo de montagem do novo espetáculo “Marabu”.



Carlos Calvo – Cenógrafo

Depois de um percurso como responsável do grupo de teatro na universidade em México, estudou a cenografia no Intitut del Teatro em Bracelona e no ISTS (Avignon, França). Realizou as cenografias de *Estrelas num ceu de manhã* em Barcelona, *Partijuego* na feira da infância e da juventude em México, *Tristan e Isolde* em México, *A Ilha de Deus* em Marseille, *A Menina com mãos de prata* no Festival de Marseille (França), *Santa Joana dos matadores* em Gap (França), *Retorno ao deserto* do Koltès no Festival do São José do Rio Preto e no Sesc Vila Mariana em São Paulo, *Sallinger* do Koltès em Estrasburgo (França), e, utlimamente, *7 só de uma vez !* e *A Nostalgia do Futuro*, em Bordeaux. Assumiu a direção técnica de *Roberto Zucco* (México), *Houdini*, *La Magia del amor* e *Mulheres, guerra, comédia*. Também dirigiu *Intento enèsiemo* em 1994 e *Poca Madre* em 1999.



Guilherme Bonfanti – Iluminador

Guilherme Bonfanti nasceu em Leme, SP, em 11 de novembro de 1956. Light Designer, é com Antonio Araujo um dos fundadores do Teatro da Vertigem e coordenador e um dos fundadores do curso de Iluminação da SP Escola de Teatro. Atua, desde 1987, em diversos projetos de artes visuais, arquitetura, mostras e exposições, moda, eventos profissionais e corporativos. Iniciou a carreira como tecnico de luz no Espaço Off, casa noturna de Celso Curi, em São Paulo, centro difusor da arte experimental do período, atuando em dezenas de realizações. Em 1990, faz o desenho de luz para “Oberösterreich” e “Hiperbórea” dois espetáculos de Antônio Araújo, em 1992 fundam o Teatro da Vertivem com Paraiso Perdido e esta parceira já soma mais de 23 anos. Fez projetos para a XXIII e XXIV, XXV, XXVI Bienal Internacional de São Paulo, e Mostra dos 500 anos, projetando e coordenando todo o projeto luminotécnico das exposições.



Aline Meyer – Sonoplasta

Faz trilha sonora para teatro desde 1991. Iniciou sua formação nesta área com Tunica Teixeira, com quem realizou diversos trabalhos. Criou a trilha sonora de espetáculos dirigidos por Gianni Ratto, Marcos Caruso, Bibi Ferreira, Sérgio Mamberti, José Possi Neto, Francisco Medeiros, Fauzi Arap, Marília Pêra, Ron Daniels, entre outros. De 1999 a 2005, realizou a trilha sonora dos espetáculos



produzidos pelo Ágora - Centro de Desenvolvimento Teatral, em São Paulo, então coordenado por Roberto Lage e Celso Frateschi. Ministra cursos e oficinas de áudio e sonoplastia para teatro. Alguns trabalhos recentes: *Animais na pista*, de Michelle Ferreira, direção de Isabel Teixeira (2015) ; *Fim de Jogo*, de Samuel Beckett, direção de Isabel Teixeira (2015) ; *O Grande Inquisidor*, de F. Dostoievski, adaptação de Celso Frateschi, direção de Roberto Lage (2016) ; *O Subsolo*, de F. Dostoievski, adaptação de Celso Frateschi, direção de Roberto Lage (2016) ; *A mulher que digita*, de Carla Kinzo, direção de Isabel Teixeira (2017) ; *A plenos pulmões*, a partir da obra de V. Maiakovski, direção de Márcia Abujamra (2017) ; *K.I.*, de Daniel Guink, direção de Ruy Cortez (2017) ; *Não Somos Amigas*, de Michelle Ferreira, direção de Maria Maya (2017) *Punk Rock*, de Simon Stephens, direção de Ondina Clais Castilho e Ruy Cortez (2018) ; *Réquiem para o desejo*, de Alexandre dal Farra, direção de Ruy Cortez (2018).

Koltès

Em abril de 2019, o mundo do teatro comemora 30 anos da morte de Bernard-Marie Koltès (foto). O francês é considerado o dramaturgo mais importante pós-geração anos 50. Uma mistura de Molière e Shakespeare dos tempos modernos, entre comédia e drama social, inspirado por Rimbaud, Dostóievski ou Faulkner. Suas peças complexas foram traduzidas em mais de 50 línguas e montadas no mundo inteiro (mais de 1800 produções)!



Intercâmbio Brasil-França

O Brasil, num intercâmbio cultural com a Companhia Francesa l'Embarcadère, vai homenagear Koltès com *Cais Oeste*, uma das peças mais ambiciosas do autor. Escrita no início dos anos 80, tão atual que Koltès poderia receber mais um título, o de Nostradamus do teatro. Ou seria o tempo que andara para trás? Direção do francês Cyril Desclés, estréia em setembro.

Raice Cabral – *Jornal de Brasília*, 13/02/2019

Cais Oeste, de Bernard-Marie Koltès. Direção de Cyril Desclés. De sexta a domingo, até 13/10, no SESC Santo Amaro.

Koltès é o dramaturgo do apocalipse. Suas peças retratam um mundo sem saída: imigrantes sem futuro, homens intolerantes em confronto, incomunicabilidade, falta de empatia, miséria humana. O lado ruim da vida, contudo, ganha uma narrativa poética na palavra de Koltès; em meio à desumanização, há beleza. Em *Cais Oeste*, um homem rico chega a um armazém abandonado, acompanhado de uma mulher. A noite é anormalmente escura e ele procura o caminho do mar, através daquelas ruínas. Ele pretende se matar e está disposto a deixar tudo o que tem - seu Rolex, seu Jaguar, seus cartões de crédito - em troca de pedras que o levem para o fundo do mar. Encontra, naquele lugar, uma família de imigrantes miseráveis que não vivem, apenas vegetam. O encontro desses dois mundos é o que impressiona na peça. Uma boa metáfora para entendê-lo é o encontro da matéria com a antimatéria: elas se aniquilam mutuamente. A direção segura de Cyril Desclés conduz o espetáculo a um ótimo resultado: não se sai incólume da peça. No elenco, gostei muito de Sandra Corveloni, como a imigrante desterrada que sonha com seu país natal; de Marcelo Lazzaratto, o chefe da família que não nutre nenhum sentimento por sua mulher e seus filhos; e de Sérgio Pardal, no papel do suicida. Mas os demais componentes do elenco também cumprem bem seus papéis. O cenário de Carlos Calvo e a luz de Guilherme Bonfanti são essenciais para criar o clima opressivo do espetáculo. Se você quer entender a terra de ninguém em que se transformou o Brasil, assista *Cais Oeste*. E tente dormir depois...

Por **Carlos Rahal**

França



Compagnie théâtrale l'Embarcadère
48 rue Bobillot 75013 Paris
Siret : 534 607 460 00027 – APE : 9001Z
Licence : 2 – 1080902

cie.embarcadere@gmail.com
www.cie-embarcadere.org

Cyril Desclés
WhatsApp : + 33 6 80 40 35 99

Brasil

Anayan Moretto
anayan@globo.com
+ 55 11 950608533

